



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VALDENES MINELVINA DE SOUZA

**ABORDAGEM HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA, A PARTIR DO LATIM: SUGESTÃO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE
ENSINO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO**

**CAJAZEIRAS - PB
2022**

VALDENES MINELVINA DE SOUZA

**ABORDAGEM HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA, A PARTIR DO LATIM: SUGESTÃO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE
ENSINO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

S729a Souza, Valdenes Minelvina de.
Abordagem histórica da formação do léxico da língua portuguesa, a partir do latim: sugestão de contextualização de ensino no livro didático do 6º ano / Valdenes Minelvina de Souza. - Cajazeiras, 2022.
42f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Variação lexical. 2. Língua latina. 3. Língua portuguesa. 4. Livro didático. 5. Ensino. 6. Léxico. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 81'373

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

VALDENES MINELVINA DE SOUZA

ABORDAGEM HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA, A PARTIR DO LATIM: SUGESTÃO DE
CONTEXTUALIZAÇÃO DE ENSINO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de
avaliação para obtenção do título de
licenciado em Letras.

Aprovado em: 05/04/2022

Banca Examinadora:

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCC – Orientador)

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCC – Examinador 1)

Rozilene Lopes de Sousa Alves

Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCC – Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por ter me dado saúde e renovado as minhas forças para continuar a superar os obstáculos diários. Obrigada, “até aqui me ajudou o SENHOR.” (1Samuel 7:12)

A meu esposo Antônio, pelo incentivo, apoio e companheirismo durante toda essa caminhada, sempre me auxiliando nas horas que eu mais precisei e compreendendo o motivo da minha constante ausência.

Aos meus pais, que nunca me apoiaram na vida estudantil, e sempre diziam que “estudo não servia pra nada”. Contudo, em vez disso me fazer parar, me tornou mais forte e sedenta para vencer na vida. Pois, eu queria mostrar através do meu exemplo de vida, que eles estavam equivocados. Quando por inúmeras vezes pensei em desistir, isso me serviu de incentivo para seguir em frente e conquistar os meus sonhos. Pois, quando sonhamos e temos fé, tudo se torna possível.

A Dona Fransquinha (*in memoria*), pois, quando me desloquei do sítio para a cidade para conseguir estudar, me acolheu em sua casa, durante um longo período de tempo. Serei sempre grata por tudo o que fizestes por mim.

Aos meus colegas de sala mais chegados que irmãos: Alzenir, Maria, Sandriana, Marcus Paulo (Menelau) e Elionaldo (Poeta) que eram exemplo e fonte de inspiração não só para mim, mas para todos ao seu redor.

Ao meu orientador, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, pela paciência e palavras de incentivo. Um ser humano incrível e um verdadeiro exemplo de humildade, possuidor de uma inteligência inigualável o qual eu só tenho a agradecer por compartilhar seus conhecimentos. Serei para sempre grata.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos.

A Prof^a. Dr^a. Maria Nazareth de Lima Arrais, atual coordenadora do curso de Letras, que me apoiou e deu todas as informações necessárias, ajudando para que eu não perdesse o vínculo com o curso, agradeço pelo pronto atendimento sempre que precisei.

— Que Deus continue abençoando a todos!

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é fazer uma análise do livro didático Português Linguagens, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do ensino fundamental II exemplar do discente, priorizando a importância do docente conhecer a história da LP para que ele possa estabelecer um ensino de LP contextualizado, considerando as diversas variedades da língua. Tendo em vista que o estudo do léxico de LP contribui diretamente para um conhecimento mais efetivo da língua materna. Pois, essa questão muitas vezes não é abordada adequadamente no ensino de LP. Estabelecemos como o objetivo geral explicar a formação e composição do léxico da LP, desde o latim até o português contemporâneo. Para tanto, elencamos os objetivos específicos, visando identificar quais as estruturas contribuíram para a formação lexical da LP; descrever como ocorreu a formação do léxico da LP na PI depois da chegada dos romanos no século III a.C.; citar sobre as contribuições para o docente sobre o conhecimento histórico a respeito do conhecimento lexical da LP na prática de ensino. Propor uma reflexão sobre a história da língua no LD. Discutir a partir dos documentos oficiais no caso BCCN e PCN a perspectiva do estudo histórico de LP. A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, descritivo e qualitativo. O aporte teórico está fundamentado nos autores Assis (2011), Bagno (2007), Comba (2002), Teyssier (2001), dentre outros. No entanto, impõe a constatação de que após a análise feita no LD uso exclusivo desse mecanismo pode ocasionar lacunas no processo aprendizagem dos discentes, pois o mesmo não aborda um contexto no que diz respeito ao processo de formação da história do léxico da LP, levando os discentes muitas das vezes a se sentirem desprestigiados por não dominarem as variações lexicais existentes no português.

Palavras-chave: Língua Latina; Língua Portuguesa; Variação Lexical; Livro Didático.

ABSTRACT

The objective of this research is to make an analysis of the textbook *Português Linguagens*, by the authors Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, for the 6th year of elementary school II student exemplar, prioritizing the importance of the teacher knowing the history of PL so that he/she can establish a contextualized PL teaching, considering the several varieties of the language. Considering that the study of the PL lexicon contributes directly to a more effective knowledge of the mother tongue. For, this issue is often not adequately addressed in PL teaching. We established as a general objective to explain the formation and composition of the PL lexicon, from Latin to contemporary Portuguese. To do so, we listed specific objectives, aiming at identifying which structures contributed to the lexical formation of the PL; to describe how the PL lexicon formation occurred in the IP after the arrival of the Romans in the 3rd century BC; to mention the contributions for the teacher about the historical knowledge regarding the lexical knowledge of the PL in the teaching practice. To propose a reflection about the history of language in the TB. To discuss, based on the official documents, in this case BCCN and PCN, the perspective of the historical study of PL. This is a bibliographical, descriptive, and qualitative research. The theoretical contribution is based on the authors Assis (2011), Bagno (2007), Comba (2002), Teyssier (2001), among others. However, it imposes the finding that after the analysis made in the TB exclusive use of this mechanism can cause gaps in the learning process of the students, because it does not address a context with respect to the process of formation of the history of the lexicon of the PL, leading students to often feel discredited for not mastering the lexical variations existing in Portuguese.

Keywords: Latin Language; Portuguese Language; Lexical Variation; Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos.....	16
Figura 2- Mapa da Península Ibérica.....	18
Figura 3- Mapa da <i>Hispania Citerior</i> e <i>Hispania Ulterior</i>	18
Figura 4- Mapa com os povos que dominaram a península depois da queda do império (476)	19
Figura 5- Território de Portugal independente.....	20
Figura 6- Capa do LD.....	27
Figura 7- Sumário: Unidade 1 e 2 do LD.....	28
Figura 8- Sumário: Unidade 3 do LD.....	29
Figura 9- Sumário: Unidade 4 do LD.....	30
Figura 10- Apresentação do Capítulo 2 do LD.....	31
Figura 11- A língua em foco / As variedades linguísticas.....	32
Figura 12- Questionamentos.....	33
Figura 13- Gênero tira e perguntas.....	35
Figura 14- Tipos de variação linguística.....	36
Figura 15- A língua portuguesa no mundo.....	37
Figura 16- Gênero textual tirinha.....	38
Quadro1- Conjugações dos verbos no Latim Clássico.....	14

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFP** -Centro de Formação de Professores
- HQ's** - Histórias em Quadrinhos
- IR** - Império Romano
- LC** - Latim Clássico
- LD** - Livro Didático
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases
- LL** - Língua Latina
- LM** - Língua Materna
- LP** - Língua Portuguesa
- LV** - Latim Vulgar
- PB** - Paraíba
- PI** - Península Ibérica
- PNLD** - Programa Nacional do Livro Didático
- TCC** -Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL** - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG** - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ORIGEM DA LINGUA LATINA.....	10
2.1 CHEGADA DOS ROMANOS À PENÍNSULA IBÉRICA.....	16
3 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL.....	22
4 BREVE RESUMO SOBRE O LIVRO.....	27
4.1 ANÁLISES DAS ATIVIDADES DO LD DO 6º ANO FUNDAMENTAL II.....	31
4.2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O DOCENTE.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se justifica porque há uma necessidade do docente de Língua Portuguesa (LP) conhecer o contexto histórico da língua, visto que é a partir desse conhecimento histórico que se percebe que a língua apresenta variações no que diz respeito especialmente ao léxico.

Nesse sentido, o conhecimento dessas variações faz com que o professor de LP tenha uma capacidade maior de fazer com que o aluno conheça essas variações e conseqüentemente, o uso dessas variações deve ser respeitado, tanto pelo docente quanto pelos discentes, porque geralmente, o desconhecimento da história da língua de forma contextualizada leva em grande parte a considerar determinadas variações erradas, inferiores e isso ocorre, principalmente porque o docente não tem o conhecimento adequado desse contexto histórico, por isso muitas vezes discrimina determinados usos que o aluno utiliza na sala de aula de determinadas variedades linguísticas.

Sendo que essas variedades são uma forma de se conhecer melhor a língua do ponto de vista histórico. Por isso, não se deve considerar o ensino da LP apenas na perspectiva de um ensino normativo, como se o ensino normativo que está na gramática normativa e muitas vezes no livro didático (LD) seja o único que o discente tem que dominar, e, além disso, o discente, quase sempre, é obrigado a se conscientizar que esse uso que ele faz da língua é errado e, portanto tem que corrigir e dominar esse uso que é diferente daquele que ele tem no seu contexto familiar, por exemplo.

Então, o estudo do léxico da LP considerando a história da língua e a sua origem no latim, contribui diretamente para um ensino contextualizado da língua materna, especialmente no ambiente escolar. Dessa forma, o estudo da história do léxico contribui diretamente para um conhecimento mais efetivo da língua materna (LM). Percebemos que essa questão praticamente não é abordada adequadamente no ensino de LM, visto que basicamente, o ensino se fundamenta apenas no ensino da gramática normativa, a partir de fragmentos da língua escrita, muitas vezes de textos literários ou de regras descontextualizadas, ou seja, que não fazem parte do uso efetivo do falante da LP.

A partir da reflexão sobre a formação do léxico da LP, tendo em vista as variedades presentes no português contemporâneo, buscamos na língua latina (LL) encontrar as possíveis respostas para essa compreensão e a partir dessa questão, vislumbramos a seguinte problemática: O conhecimento limitado da história da LP no que se refere ao léxico pode ser atenuado através do estudo da história da LL?

Com o intuito de respondê-la, a presente pesquisa teve o apoio do LD: Português Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva 2015, aplicado no 6º ano do ensino fundamental II. A base teórica está fundamentada nos estudos de Assis (2011), Bagno (2007), Comba (2002), Goularte (2016), Teyssier (2001), dentre outros.

Estabelecemos como o objetivo geral explicar a formação e composição do léxico da LP, desde o Latim até o Português contemporâneo. Para tanto, elencamos os objetivos específicos, visando identificar quais as estruturas contribuíram para a formação lexical da LP; descrever como ocorreu a formação do léxico da LP na Península Ibérica (PI) depois da chegada dos romanos no século III a.C.; citar sobre as contribuições para o docente sobre o conhecimento histórico a respeito do conhecimento lexical da LP na prática de ensino. Propor uma reflexão sobre a história da língua no LD. Discutir a partir dos documentos oficiais no caso BCCN e PCN a perspectiva do estudo histórico de LP.

Com relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica tem caráter pessoal, pois se apoia em documentos impressos como livros, teses, dissertações e artigos. Essa pesquisa se realiza junto de teorias trabalhadas por outros pesquisadores que foram descritos e utilizados no decorrer do desenvolvimento deste trabalho. Isso implica dizer que as pesquisas futuras poderão ter um subsídio a mais através de outros autores.

A abordagem será qualitativa, com uma proposta de ação. Para Lira (2014), a pesquisa qualitativa procura compreender os fenômenos e a sua forma de interpretação sem usar mecanismos estatísticos. Não é utilizada para analisar problemas que envolvem quantidade, mas sim entender o fenômeno social. Apoiar-se em autores que já analisaram o assunto.

A construção dessa pesquisa está organizada em quatro capítulos, sendo que este é o inicial, em que foram justificados e apresentados os objetivos da pesquisa, além de observar seus componentes metodológicos.

O segundo capítulo, descreve sucintamente, a origem da LL dando ênfase na constituição das variações que são apresentadas como dois aspectos diferentes na fala e na escrita, o latim vulgar (LV) e o latim clássico (LC); além de sua expansão pela Itália, as modificações sofridas no decorrer do tempo e a chegada dos romanos à PI.

O terceiro capítulo relata a chegada dos portugueses ao Brasil, de que forma aconteceu a independência do Brasil e breves considerações sobre a história do ensino de LP a partir dos Jesuítas.

No quarto capítulo é feita uma apresentação e uma análise do LD do 6º ano do Ensino Fundamental II. Em seguida é feita uma sugestão de atividade para as lacunas apresentadas na Unidade I que foi analisada - **No Mundo da fantasia**, capítulo II **Pato aqui, pato acolá**. E por fim as considerações finais.

2 ORIGEM DA LINGUA LATINA

O latim teve sua origem por volta do séc. VI a.C., era a língua dos romanos que habitavam na região de Lácio, situada na região central da Península Itálica, pequeno território situado à margem do rio Tibre e foi propagado pelos romanos para além desse território, após as conquistas militares da península, especialmente a partir do século III a.C. Depois de sua expansão pela Itália e a parte Ocidental da Europa, o latim sofreu várias modificações no decorrer do tempo, dando origem às línguas românicas ou neolatinas, ou seja, línguas derivadas do latim, como: o romeno, o francês, o catalão, o espanhol, o dalmático, o galego, o italiano, o rético, o occitano e o português que é o nosso idioma.

Depois de numerosas lutas e guerras entre os povos da Península Itálica que eram de culturas e línguas diversificadas, os romanos estabeleceram o seu domínio sobre toda a Península, contribuindo assim para que o latim se transformasse em idioma oficial do Império Romano (IR). O idioma latino apresenta dois aspectos diferentes: o clássico e o vulgar. Além desses dois aspectos, a partir do século II d.C., o latim modificou-se de modo significativo, transformando-se em variedades, a saber: o baixo-latim, utilizado por Padres da Igreja da Idade Média e o latim-bárbaro que foi utilizado por copistas da Idade Média, sempre na forma de escrita.

No LC a função sintática dos nomes (substantivos, adjetivos e pronomes) era indicada morfologicamente por terminações específicas, estas terminações são denominadas de casos e estavam divididos em seis: o nominativo para o sujeito e para o predicativo do sujeito; o genitivo para o adjunto restritivo; o dativo para o objeto indireto; o acusativo para o objeto direto; o vocativo para o vocativo; o ablativo para o agente da passiva e outros adjuntos.

Os casos eram muito importantes, pois, possibilitavam a indicação das funções sintáticas na frase latina, sem a necessidade de explorar a ordem das palavras. Apenas dois casos em LC eram regidos por preposições: acusativo e ablativo.

Assim é perceptível observar que no LC as funções sintáticas das palavras eram indicadas através dos casos, enquanto no LV as funções sintáticas das palavras passaram a ter uma ordem mais fixa por causa do uso mais frequente dos artigos e das preposições para indicar as funções sintáticas. Portanto, no LC a ordem das palavras era livre, pois era a terminação que indicava a função sintática. Ex: Deus ama o homem. Temos Deus como sujeito e homem como objeto direto. Segundo Coutinho (2011), no exemplo a seguir, se trocarmos a ordem em português a função muda. O homem ama Deus. Isso não acontecia no LC porque havia terminações específicas, dependendo da função sintática. Ex: *Deus diligit hominem. / Hominem*

diligit Deus. Nesse exemplo, a palavra Deus será sempre sujeito por causa da terminação de nominativo e *hominem* será objeto direto por causa da terminação de acusativo.

Já no LV, restaram apenas dois casos: o nominativo e o acusativo, mas para a LP o acusativo é o mais importante, pois é dele que procede a maior parte das palavras do português. Ex: *veritas* (verdade), esta palavra não poderia proceder dessa forma que é nominativo, mas da forma do acusativo que é *veritatem*. Vejamos o que aconteceu: primeiro houve a síncope do **i**, depois a apócope do **m** e por último a sonorização do **t**. Com essas reduções restaram somente os casos: reto (nominativo) e o oblíquo (acusativo) no LV. Por isso, o caso acusativo é chamado de caso lexicogênico, visto que a formação do léxico do português procede dele.

Além dos casos, o LC se caracterizava na sua estrutura por apresentar declinações. Segundo Comba, (2002, p. 43): “declinar (flexionar) quer dizer acrescentar à parte variável de um nome as terminações dos casos.” No LC as palavras eram divididas em cinco categorias, chamadas declinações e para identificar a qual declinação a palavra pertence, temos que conhecer as desinências do genitivo singular: 1ª declinação rosa, *rosae*; 2ª declinação lúpus, *lupi*; 3ª declinação ovis, *ovis*; 4ª declinação cantus, *cantus* e 5ª declinação dies, *diei*.

No LV as declinações foram reduzidas de cinco para três e depois para duas. Essa mudança aconteceu porque algumas palavras da quarta declinação já podiam ser declinadas pela segunda. Ex: *domus, i* ou *domus, us*.

Quanto às palavras da quinta a maioria passou a ser declinada pela primeira declinação: Ex: *materies, ei* ou matéria, *ae*. Isso acontecia porque tanto na primeira quanto na quinta declinação não havia o gênero neutro.

Outro aspecto que diferenciava LC e o LV é que no primeiro não havia a classe gramatical dos artigos nem definidos nem indefinidos, enquanto no segundo, passaram a ser utilizado com mais frequência. Para compreendermos essa característica, vejamos o seguinte exemplo: LC: *Liber Petri*; LV: *Libru de Petru*; Livro de Pedro.

No LC os nomes apresentavam três gêneros: masculino, feminino e neutro, porém essa distinção era superficial, porque às vezes os seres inanimados podiam ser classificados como masculinos ou femininos, por exemplo, as partes do corpo podem ser neutras como *ora* (boca), *corde* (coração), feminina *manus* (mão) ou masculino *pedes* (pés).

Outra razão é que na primeira declinação predominava o gênero feminino e na segunda o gênero masculino, por isso os nomes neutros foram incorporados aos dois gêneros. Quanto à segunda declinação predominavam os nomes masculinos, cuja vogal **o** indicava o gênero, por essa razão essas palavras passaram para o gênero masculino. Ex: *Templum* (neutro), com a queda do **m** transformou-se em *templu* (templo).

Quanto à terceira declinação alguns substantivos passaram para a segunda, assumindo o gênero masculino. Ex: *Os, ossis* (osso), *vas, vasis* (vaso). Vale ressaltar que na LP ainda há vestígios do gênero neutro, como nos casos dos pronomes demonstrativos. Ex: Este, esta (isto), esse, essa, (isso), aquele, aquela (aquilo).

Com relação aos verbos no LC havia quatro conjugações, identificada pelas terminações dos infinitivos:

Quadro 1 - Conjugações dos verbos no Latim Clássico

1ª CONJ.	2ª CONJ.	3ª CONJ.	4ª CONJ.
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Fonte: Bagno (2007, p. 32).

Depois da eliminação da oposição quantitativa, isto é, vogais longas ou breves, os verbos da segunda e da terceira conjugação se juntaram, desaparecendo assim a terceira. Dessa forma, constatamos que os verbos terminados em are, ere e ire, deram origem às formas dos infinitivos verbais que são as terminações ar, er e ir do português.

A conjugação do verbo em latim é embasada na estrutura aspectual de duas classes: os tempos do infectum e os tempos do perfectum. De acordo com BAGNO (2007, p. 34): “os tempos do infectum exprimiam a ação em seu curso de duração (aspecto imperfeito), enquanto os tempos do perfectum indicavam uma ação ou processo concluídos (aspecto perfeito)”.

De acordo com esse princípio, ao infectum pertenciam os seguintes tempos: presente, imperfeito e futuro imperfeito do indicativo; o presente e o imperfeito do subjuntivo; e o imperativo. Já ao perfectum, pertenciam o perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro perfeito do indicativo; e o perfeito e o mais-que-perfeito do subjuntivo. Existiam também as formas nominais; o infinitivo (presente, perfeito e futuro), o particípio (presente, futuro e passado, este da voz passiva), o gerúndio e o supino.

Como vimos, o idioma romano cresceu e se transformou em instrumento literário e veículo de comunicação nos territórios conquistados, apresentava duas variações denominadas de LC e o LV. Eram dois pontos de vista da mesma língua, uma literária e outra popular. O LC predominava na elite, além de ser a língua empregada nas escolas e academias. De acordo com Assis (2011, p. 119):

O latim clássico, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*. Era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção

gramatical e estilística; Conhecida como uma língua artificial e rígida, porém polida e requintada. Sinônimo de prestígio, a língua era praticada por uma elite e usada nas escolas e nas obras dos grandes escritores latinos, como Cícero, César, Virgílio e Horácio.

Percebemos que o LC era a língua utilizada nas escolas e academias por pessoas cultas, além de ser utilizada nas obras literárias e em documentos, estava agregada às produções dos escritores mais afamados da época considerada clássica, que durou aproximadamente dois séculos (I a.C. e I d.C.) como o filósofo Cícero na prosa, Virgílio, Horácio na poesia e outros. Essa variação era utilizada nesses contextos e no vocabulário filosófico, inserindo aspectos normativos do latim, tornando-o, desse modo, uma língua proficiente na produção literária.

Já o LV era a língua falada pelas pessoas simples que não se preocupavam com as correções gramaticais, e sim com o uso relacionado da língua na comunicação, especialmente, na oralidade. Segundo Assis (2011, p.119-120):

A expressão latim vulgar refere-se à língua com todas as suas variedades. Era usado pelo povo, sem preocupação com a correção gramatical. Era uma variedade falada que servia de instrumento de comunicação diária, com finalidade práticas e comerciais. Também chamado de *sermo vulgaris*, foi levado pelos soldados, colonos e funcionários romanos a todas as regiões do Império Romano.

Nessa perspectiva, podemos observar que o LV eram as variedades linguísticas faladas pela população que não dominavam a escrita, isto é, a variação oral que foi levada pelos soldados e colonos a todas as regiões conquistadas pelo IR. Nesse sentido, foi a partir do LV que surgiram as línguas românicas ou neolatinas, dentre elas, o português. Vejamos o que Câmara Júnior diz a esse respeito:

É justo dizer que as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido reativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do latim clássico, que estão nas origens românicas, são os que se integraram no processo evolutivo, fazendo-se 'vulgares'. (CÂMARA JUNIOR, 1985, p. 21).

Nesse sentido, o autor afirma que a LP é derivada do LV, assim como as línguas denominadas de neolatinas, como o espanhol, italiano, francês e outras, resultantes de um latim dinâmico, ou seja, traz características de diferentes regiões e dos povos de diversas culturas que habitavam Roma, e depois os povos dominados pelos romanos influenciaram na grande variedade linguística na PI, como veremos a seguir.

origem a três guerras denominadas de Guerras Púnicas que foram lutas entre romanos e cartagineses. No final do conflito, os romanos saíram vitoriosos. Vamos entender melhor: de início, antes da guerra, Roma e Cartago estavam, de certo modo, unidas comercialmente, além de serem defensoras no processo de pacificar as relações comerciais na ilha de Sicília que prosseguiram inconstantes.

A Sicília pertencia à Siracusa, era governada por Cartago e dessa forma era um ponto estratégico para o progresso do comércio marítimo na região. Com isso, a primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.) é motivada quando Roma, com o intuito de ampliar seu território, expulsa os Cartagineses que habitavam na ilha. Esse episódio desencadeou a primeira guerra entre Roma e Cartago.

Já a segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) acontece quando Cartago está sob o domínio do general cartaginês Anibal Barca, afamado por usar elefantes em seus ataques, vence algumas batalhas e basicamente consegue invadir Roma, através da sua famosa estratégia de atravessar os Alpes. Durante essa guerra os romanos conquistam a PI e, dão seguimento por outras regiões. Cartago sai vitoriosa temporariamente, obrigando os romanos a pagarem um pesado resgate para que os cartaginenses deixassem Roma. Entretanto, após a saída os romanos perseguem os cartagineses, recuperam o resgate e derrotam o inimigo.

A terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.) aconteceu logo após duas derrotas para os romanos, além da perda de hegemonia do comércio marítimo, fato que levou os cartaginenses buscarem outras maneiras de se expandir economicamente. Incrementaram atividades na área da agricultura, fazendo Roma sentir-se atacada, resultando em um novo conflito. Diante dessa situação, o senador romano Catão, afirma categoricamente: “Delenda Carthago”, isto é, “Cartago deve ser destruída”. Em 146 a.C., o objetivo se cumpriu: Roma por fim, derrotou definitivamente Cartago.

Logo depois da derrota de Cartago, os romanos conseguiram dominar a região política e linguisticamente. Com isso, houve uma modificação, principalmente com relação às línguas faladas na região, tendo em vista que havia um conjunto de línguas dos diversos povos que habitavam a península, assim o LV trazido pelos romanos, tornou-se a língua predominante. Podemos confirmar a extensão desse contato linguístico entre esses diferentes povos no mapa abaixo (Figura 2).

Figura 2 - Mapa da Península Ibérica



Fonte: Imagens Google (2022).²

O estabelecimento do latim na PI foi um fator determinante para a formação da LP, especialmente a partir do século IV d.C., quando os povos da península, depois da queda IR no ocidente (476 d.C.), estavam cristianizados e em consequência também utilizavam o latim como língua, com exceção dos bascos. Para facilitar a administração, levando em consideração, os povos que ali já habitavam, o território foi dividido em duas províncias *Hispania Citerior* e *Hispania Ulterior* (Figura 3):

Figura 3 - Mapa da *Hispania Citerior* e *Hispania Ulterior*



Fonte: Imagens Google (2022).³

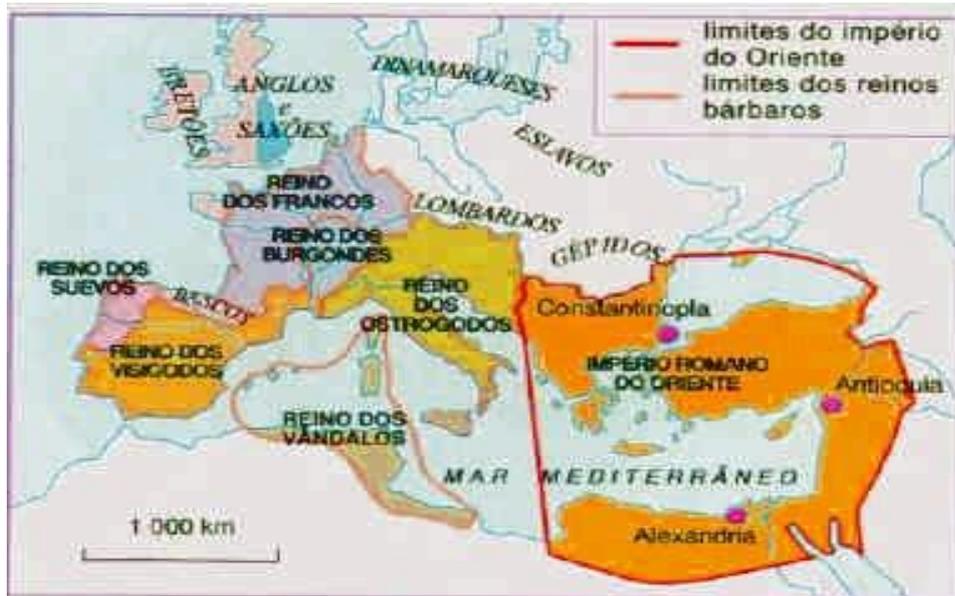
² Disponível em: <https://goo.gl/images/q7SYVw> Acesso em: 22 jan. 2022.

³ Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>. Acesso em: 22 jan. 2022.

Dessa forma, inserindo o latim como principal veículo propagador de comunicação, os romanos difundiram não apenas a língua como também sua cultura, contribuindo para que a PI chegasse ao século V d.C. completamente introduzida no contexto romano, tanto obedecendo ao IR quanto utilizando o latim, como língua de comunicação.

A România era o território ocupado pelos romanos, constituído de diferentes províncias: a Hispânia, a Gália, a Itália e a Dácia, todas continuaram integradas na unidade imperial até o século V d.C. período no qual durou o IR do ocidente (476 d.C.) O LV passou a ser a língua utilizada nas regiões conquistadas pelos romanos, contribuindo para o desaparecimento das línguas nativas dos habitantes da PI, sofrendo a influência dos substratos céltico, ibérico e ligúrico. Veja a Figura 4:

Figura 4 - Mapa com os povos que dominaram a península depois da queda do império (476)



Fonte: Imagens Google (2022).⁴

Logo em seguida, aconteceu a invasão dos bárbaros germânicos na PI, quando o latim estava se transformando, por causa da queda do império. Os suevos e os vândalos, os visigodos e os alanos e outros povos bárbaros foram chegando gradativamente à região. Além disso, outros povos alastraram-se por todo o IR como burgúndes, francos, saxões, alamanos, longobardos, normandos.

⁴ Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=depois+da+queda+do+imp%C3%A9rio+\(476\)+mapa&tbm=isch&ved=2ahUKewibzP2Hrab2AhVuAbkGHf_sB58Q2-](https://www.google.com/search?q=depois+da+queda+do+imp%C3%A9rio+(476)+mapa&tbm=isch&ved=2ahUKewibzP2Hrab2AhVuAbkGHf_sB58Q2-). Acesso em: 03 mar. 2022.

Os suevos e os visigodos fixaram-se na península, entretanto os visigodos dominaram o território de 585 até 711. Com isso, juntaram-se aos romanos aderindo ao cristianismo, adotando como religião. Segundo Assis, (2011, p.118.), “Rodrigo, o último rei godo, lutou até 711 contra a invasão dos árabes, defendendo a religião cristã, tendo como língua o LV na sua feição hispano-românica”, porém mesmo assim, no século VIII d.C., os árabes vieram do norte da África, pelo estreito de Gibraltar e invadiram a Europa. Com costumes e culturas diferentes dos peninsulares, tentaram estabelecer o árabe como língua oficial nas regiões conquistadas. Contudo, mesmo depois de sofrer várias influências desses povos, a LL permaneceu como língua oficial.

Depois de um longo período, marcado por várias lutas entre os habitantes da península a fim de expulsar os mouros da região, somente em 1128 quando D. Afonso Henriques enfrentou as tropas de sua mãe, num conflito conhecido como Batalha de S. Mamede, é que foi consolidada a independência portuguesa face à Galiza.

Em 1139, logo após vencer definitivamente os mouros na Batalha de Ourique (luta entre portugueses e mulçumanos) é que D. Afonso Henriques, torna-se rei de Portugal.

A origem do território português se deu em decorrência das batalhas que foram acontecendo e com isso a reconquista de novas terras que estavam sob o domínio dos árabes, juntamente com a instalação de grupos populacionais do norte para o sul, conforme demonstrado na Figura 5:

Figura 5 - Território de Portugal independente



Fonte: Imagens Google (2022).⁵

⁵ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa+do+territorio+de+portugal+independente+depois+que+se+tornou+independente&tbm=>. Acesso em: 01 mar. 2022.

A partir do final do século XV, Portugal iniciou um processo de expansão marítima e no início do século XVI chega ao Brasil, sobre isso tratará o próximo capítulo.

3 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

Os portugueses chegam ao Brasil em 1500, através da expansão marítima portuguesa. Porém, somente em 1532 é que se inicia, de fato, a colonização portuguesa. Os colonizadores enfrentam um obstáculo para se comunicar com os habitantes nativos, que é a língua. É por isso que desencadeia um plano para que os nativos utilizem uma língua na qual haja a possibilidade de compreensão mútua, principalmente com relação ao ensino da língua colonizadora. Pois, do ponto de vista linguístico, foram tidas como um problema para a dominação, por essa razão, “os portugueses passaram a ensinar o povo indígena a falar e a escrever em português, para que a ele fosse transmitida a fé e os costumes dos brancos, facilitando dessa forma, o processo de dominação” (GOULARTE, 2016, p.1).

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o país era habitado por vários povos indígenas. Logo depois, os portugueses trouxeram uma grande quantidade de escravos da África. Dessa forma, formam-se as três bases da população brasileira naquela época: os escravos, os índios e os portugueses, sendo que esse último povo foram os que mais contribuíram para a cultura. Nessa perspectiva, Teyssier (2001), afirma que no início apenas o litoral é colonizado, com a fundação de São Paulo, entretanto, a exploração do ouro, no séc. XVIII há um deslocamento acentuado da população da região litorânea para o interior, fato que determina a ocupação do território do atual estado de Minas Gerais.

Como nesse período, o Brasil não possuía nenhuma universidade e nem tipografia, de acordo com Teyssier (2001), os jovens brasileiros vão formar-se em Coimbra. Sendo esse um aspecto fundamental que diferencia a América portuguesa da América espanhola. Dessa forma, como estamos falando sobre a condição linguística do Brasil, Teyssier (2001, p.62), destaca que: “Os ‘colonos’ de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita”.

Concomitante com o português existe o tupi ou simplesmente a língua geral, ou seja, o principal grupo linguístico indígena das regiões costeiras. Durante algum tempo, o português e as línguas nativas conviveram como línguas de comunicação. Porém, a língua geral entra em declínio na segunda metade do século XVIII, e os motivos foram: o aparecimento de inúmeros portugueses interessados pelas minas de ouro e diamante. Outro fato importante, nessa época, foi a criação do Diretório pelo Marquês de Pombal que determinou que a língua geral não fosse mais utilizada no ensino, essa mediada foi primeiramente aplicada ao Pará e ao Maranhão, em 03 de maio de 1757 e depois expandiu-se para todo o Brasil em 17 de agosto de 1759. Através

do seguinte trecho veremos detalhadamente a respeito das ações tomadas pelo Marquês de Pombal:

O alvará do Marquês de Pombal proibia o uso da língua geral, que passou a ser encarada pelos conquistadores como “*invenção verdadeiramente abominável e diabólica*”, e, ainda, decidia que tipos de penalidades deveriam ser aplicados aos que permanecessem falando a língua geral, penalidades que variavam de acordo com o grupo social a que pertenciam. [...]. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, a língua geral perdia seus principais protetores (ASSIS, 2011, p. 40, grifo da autora).

De acordo com o trecho, podemos ver que o Marquês de Pombal planejou derrubar seus adversários com relação a todas as perspectivas e espalhar o domínio português, seja econômico, linguístico cultural e politicamente. Portanto, a melhor forma a ser seguida era controlar a comunicação, tudo de acordo com os interesses de Portugal. Essa imposição sobre o uso da língua era obrigatório e o descumprimento implicava até castigos físicos. Lembrando que por muito tempo o ensino adotava os castigos físicos como método de aprendizagem.

Outro fator a ser destacado, é a chegada de D. João VI e a família imperial ao Brasil em 1808, permanecendo até a independência em 1822. Vale ressaltar a afirmação de Teyssier (2001), quando diz que devido às invasões francesas, o rei foi obrigado a se refugiar no Brasil em 1816. Diante desse fato, o Rio de Janeiro recebe a monarquia de Bragança, fato que trouxe para a nação desenvolvimento, fazendo assim, com que acelerasse o progresso material de cultura do Brasil. Dessa forma, com o regresso de D. João VI em 1821 a Portugal, a colônia estava pronta para a independência.

Com a independência do Brasil em 1822, acontece uma valorização de tudo o que o distingue da metrópole, em especial suas raízes indígenas. Outro fator a ser destacado é que o país foi influenciado pela cultura francesa, como também muitos imigrantes europeus que vieram para o país, a partir do final do século XIX, de várias nacionalidades, como os italianos e alemães, dentre outros. Aproximadamente no ano de 1850, foram criadas leis proibindo o comércio de escravos, com isso observamos que o Brasil se tornou um país composto por povos de origens diversas. Dessa forma, Teyssier (2001, p.64), afirma que: “essas vindas maciças de imigrantes europeus têm contribuído para ‘branquear’ o Brasil contemporâneo”. Ou seja, durante essa época, apresentaram uma teoria que em princípio afirmava que o homem branco europeu, possuía o padrão da melhor saúde, beleza e da melhor competência civilizacional em relação às demais “raças” como, por exemplo, a negra (africana), amarela (asiáticos) e a vermelha (povos indígenas).

Desse modo, constatamos que a introdução do português no Brasil foi definida por vários momentos e caminhos diferentes e, por isso esses fatores contribuíram para que a língua do Brasil exista um grande número de variações, dentre elas, podemos citar: geográficas e cultural, que por sinal, sofrem influência nas várias maneiras de falar como, por exemplo, em relação a dialetos e diferenças urbano-rurais. Entretanto, segundo alguns estudiosos da nossa língua, existe uma evidência maior na diferença linguística em função da classe social do que na variação dialetal. Nesse sentido, Teyssier (2001, p.65), diz que “as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra”.

Logo após várias lutas acompanhadas de esforços, batalhas travadas e muito sacrifício, a partir da segunda metade do século XVIII a LP começa a dominar as demais línguas, alcançando o status de língua predominante. Nesse sentido a contribuição dos jesuítas foi significativa, principalmente na educação, como veremos a seguir.

A educação jesuítica foi, durante o período colonial, o principal instrumento educacional no Brasil. E ocorreu aproximadamente de 1549 com a criação das primeiras missões feitas pela Companhia de Jesus, com o objetivo de catequizar os povos indígenas até 1759, período em que o Marquês de Pombal os expulsou de Portugal e de suas colônias.

Junto à tentativa dos portugueses para disseminar a cultura do povo local, existia a dificuldade em relação às línguas nativas, a exemplo do Tupi, que era falada por toda linha costeira, mesmo tendo um vínculo linguístico com os imigrantes, além do processo educativo implementado pelos jesuítas durante muito tempo. De acordo com Assis (2011, p.62):

Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum. Enfim, muitos povos indígenas conservam os seus idiomas particulares, que se denominam línguas travadas.

Consoante o que a autora pontua acima, podemos observar que, por um longo período, essas duas línguas: o português e o Tupi existiram lado a lado como línguas de comunicação, cruzando-se e influenciando-se mutuamente. O tupi era a língua caseira digamos assim, enquanto o português era a língua oficial, ensinada nas escolas e falada por filhos de índios, portugueses e mamelucos. Ao longo desse percurso de dominação dos jesuítas, em relação à educação, aconteceram várias mudanças com relação ao sistema cultural de Portugal, dentre elas, percebemos que a língua foi imposta como um objeto de estudo em si e não mais como

uma forma de transmitir uma mensagem, passando a ser examinada, estudada, enunciada em suas características, por meio de vocabulários, cartilhas, gramáticas e dicionários.

Além disso, os jesuítas trouxeram um regime de legislação básica para o Brasil, baseado na *Ratio Studiorum*, que determina um ensino intelectual e moral, apoiado nos segmentos da religiosidade, além de ajudar na formação de sacerdotes. Segundo Faraco, o *Ratio Studiorum* era: “[...] um conjunto de regras da pedagogia jesuítica, publicada em 1599, explicitamente proibia o uso da língua vernácula no ambiente escolar [...]” (FARACO, 2016, p.202). Ou seja, a companhia de Jesus contribuiu para o crescimento da educação, servindo às necessidades da sociedade, assumindo a educação da elite e foi responsável pela adesão da cultura europeia e excluindo desse processo as línguas nativas. Assim essa visão de ensino influenciou o ensino da língua, mesmo depois da expulsão dos jesuítas, isto é, a língua adotada no ensino é diferente daquela que o discente domina no cotidiano.

A vertente fundamental para a formação do nosso idioma, ou seja, o português do Brasil foi a saída dos jesuítas do Brasil, em 1759, com isso, o ensino já não era mais apenas voltado para a religiosidade, passou a ser administrado de forma pública pelo estado, pois aconteceu uma interrupção em todo o seu processamento histórico, sendo estabelecido um novo paradigma educacional a ser aplicado. Desse regime, uma das vertentes que continua até hoje na lei de diretrizes e bases (LDB) da educação nacional são os princípios fundamentais, os quais predominam como requisito importantíssimo da educação básica.

Dessa forma, percebemos que a LP possui características adquiridas através dos vários povos que vieram para nosso país, entre eles estão os asiáticos, os indígenas, os escravos e os imigrantes europeus. Contudo, o LD que é usado como modelo teórico metodológico de ensino, aborda essas questões sobre diversidade histórica que deve ser considerada de maneira, muitas vezes, lacunar ou descontextualizada. Nessa perspectiva, a BNCC orienta sobre o ensino de LP:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. (BRASIL, s.d., p. 139).⁶

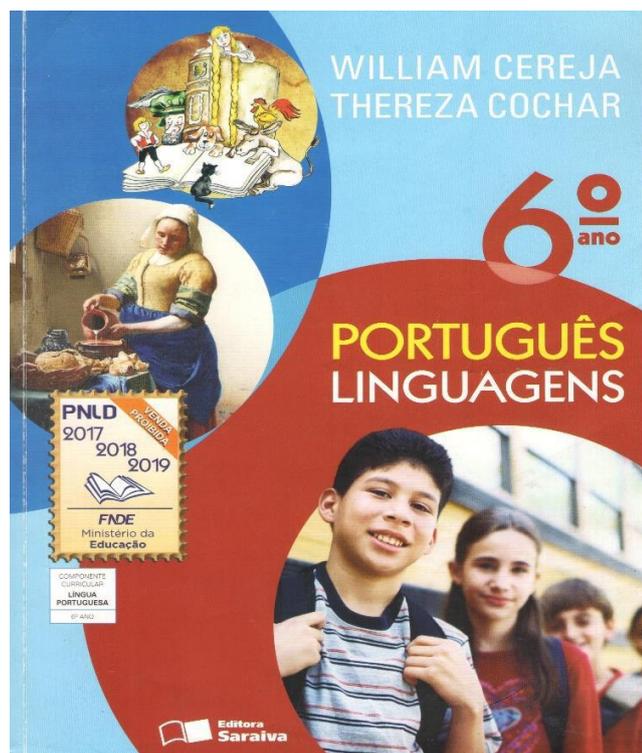
⁶ Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 04 mar. 2022.

A partir do trecho acima, entendemos que o ensino de língua deve ser contextualizado para que o aluno tenha possibilidade de conhecer as variedades, e desse modo, respeite essas variedades, já que elas são constitutivas e fazem parte do processo dinâmico da língua. Dessa maneira, além do uso do LD em sala de aula, é necessário utilizar várias sugestões para se obter melhores resultados no quadro de ensino/aprendizagem, e entre essas sugestões, estão os conteúdos sobre a história do léxico português, que podem contribuir para um ensino contextualizado, proporcionando aos discentes uma aprendizagem significativa. É o que discutiremos no próximo capítulo. A importância de colocar essas breves informações sobre os jesuítas é porque o ensino no Brasil aconteceu especialmente a partir do que os jesuítas trouxeram e que algumas dessas características ainda permanecem presentes no LD, por exemplo, o ensino normativo de memorização de regras, muitas vezes de descontextualização.

4 BREVE RESUMO SOBRE O LIVRO

A obra didática analisada será: Português Linguagens dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Figura 6). O livro foi publicado pela editora Saraiva e autorizado pelo Plano Nacional de Educação (PNLD) com vigência de 2015 a 2019, é destinado ao sexto ano do ensino fundamental II, o exemplar analisado é do aluno. Embora essa coleção tenha sido indicada para os anos 2015 a 2019, muitos desses conteúdos ainda continuam sendo utilizados nos LD mais atuais, por isso a necessidade e a importância de refletir sobre esse livro. Escolhemos o LD porque normalmente é o instrumento mais acessível tanto para o professor quanto para os alunos. E embora existam algumas lacunas o LD é importante porque se constituem de muitos contextos e instrumentos que o professor usa.

Figura 6 - Capa do LD



Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

O livro está organizado em quatro unidades com os seguintes títulos: No mundo da fantasia; Crianças; **descobrimo** quem sou eu; Verde, adoro ver-te. Tendo cada uma dessas unidades, três capítulos. O livro completo tem duzentas e setenta e duas (272) páginas. Logo abaixo, apresentamos as figuras para mostrar como estão divididas as unidades, capítulos e sessões com seus títulos, respectivamente. Essa descrição facilita a compreensão sobre as propostas de escrita e leitura, análise linguística e oralidade.

Essas unidades estão subdivididas em três capítulos, que são constituídos por um texto principal, correspondente a cada assunto que será trabalhado, sendo eles: estudo do texto, produção de texto, a língua em foco seguidos de exercícios, divirta-se que apresenta algumas ilustrações e por último outro exercício, porém descontextualizado apenas para assinalar a questão correta.

Figura 7 - Sumário: Unidades 1 e 2 do LD

SUMÁRIO	
UNIDADE 1 No mundo da fantasia	
CAPÍTULO 1	Era uma vez
	<i>As três penas, Jacob Grimm</i>
	Estudo do texto
	Compreensão e interpretação
	A linguagem do texto
	Cruzando linguagens
	Trocando ideias
	Produção de texto
	O conto maravilhoso
	A língua em foco
	Linguagem: ação e interação
	Linguagem verbal e linguagem não verbal
	Os interlocutores
	A língua
	A linguagem e os códigos
	O código linguístico na construção do texto
	Semântica e discurso
	De olho na escrita
	Poesia e letra
	Divirta-se
CAPÍTULO 2	Pato aqui, pato acolá
	<i>O patinho bonito, Marcelo Coelho</i>
	Estudo do texto
	Compreensão e interpretação
	A linguagem do texto
	Leitura expressiva do texto
	Trocando ideias
	Ler é um prazer
	Produção de texto
	A língua em foco
	As variedades linguísticas
	Norma-padrão e variedades de prestígio
	Variação linguística e preconceito social
	Falar bem e falar adequadamente
	Tipos de variação linguística
	As variedades linguísticas na construção do texto
	Semântica e discurso
	Divirta-se
CAPÍTULO 3	O príncesa! Jogue-me suas...
	Cartum, Mordillo
	Produção de texto
	O conto maravilhoso: do oral para o escrito e do escrito para o oral
	Do oral para o escrito
	Do escrito para o oral
	Para escrever com expressividade
	O dicionário: palavras no contexto
	A língua em foco
	Texto, discurso, gêneros do discurso
	A intencionalidade discursiva
	Os textos e os gêneros do discurso
	A intencionalidade discursiva na construção do texto
	Semântica e discurso
	Divirta-se
	Passando o tempo
	INTERVALO Projeto: Histórias de hoje e sempre
UNIDADE 2 Crianças	
CAPÍTULO 1	O fazendeiro da cidade
	<i>Menino de cidade, Paulo Mendes Campos</i>
	Estudo do texto
	Compreensão e interpretação
	A linguagem do texto
	Leitura expressiva do texto
	Cruzando linguagens
	Trocando ideias
	Ler é reflexo
	Produção de texto
	História em quadrinhos (I)
	A língua em foco
	O substantivo
	Classificação dos substantivos
	O substantivo na construção do texto
	Semântica e discurso
	Divirta-se

Figura 8 - Sumário: Unidade 3 do LD

		CAPÍTULO 2 Entre irmãos A mala de Hans, Karen Levine 99 Estudo do texto 100 Compreensão e interpretação 100 A linguagem do texto 101 Letrares expressiva do texto 102 Trocando ideias 103 Produção de texto 103 História em quadrinhos (II) A linguagem dos quadrinhos 103 Para escrever com adequação 104 O diálogo 108 A língua em foco 111 O adjetivo 111 Classificação dos adjetivos 113 O adjetivo na construção do texto 114 Semântica e discurso 115 De olho na escrita 116 Digitação e encontro consonantal 116 Ditado-a 118
		CAPÍTULO 3 Ensaios de vida Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia 119 Produção de texto 120 História em quadrinhos (III) Como se faz uma história em quadrinhos 120 A língua em foco 123 Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número 123 Flexão dos substantivos 124 Flexão dos adjetivos 128 A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto 129 Semântica e discurso 129 De olho na escrita 130 Encontros vocálicos 130 Ditado-a 132 Passando o tempo 133 INTERVALO Projeto: Quadrinhos eu também faço! 136
		CAPÍTULO 1 No frescor da inocência Banhos de mar, Clarice Lispector 140 Estudo do texto 142 Compreensão e interpretação 142 A linguagem do texto 144 Letrares expressiva do texto 144 Trocando ideias 144 Let e diversão 145 Produção de texto 146 O relato pessoal 146 A língua em foco 148 O grau dos substantivos e dos adjetivos 148 Grau dos substantivos 149 Grau dos adjetivos 150 O grau na construção do texto 152 Semântica e discurso 153 Ditado-a 154
		CAPÍTULO 2 O preço de pensar diferente Eu sou Malala, Malala Yousofzai 155 Estudo do texto 157 Compreensão e interpretação 157 A linguagem do texto 158 Cruzando linguagens 158 Trocando ideias 159 Produção de texto 160 A carta pessoal 160 O diário 162 Para escrever com expressividade 166 A descrição 166 A língua em foco 169 O artigo 169 Flexão e classificação dos artigos 170 O artigo na construção do texto 173 Semântica e discurso 173 De olho na escrita 175 Divisão silábica 175 Ditado-a 177

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 9 - Sumário: Unidade 4 do LD

<p>CAPÍTULO 3 O eu que existe em mim</p>		<p>CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro</p>	
 	<p>Verbal de frisa, Norman Rockwell</p>	 	<p>A longa lista dos condenados, revista Veja</p>
	<p>Produção de texto</p>		<p>Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época</p>
	<p>Os gêneros digitais e email, blog, twitter, comunidade</p>		<p>Estudo do texto</p>
	<p>O email</p>		<p>Compreensão e interpretação</p>
	<p>O blog</p>		<p>A linguagem dos textos</p>
	<p>O twitter</p>		<p>Cruzando linguagens</p>
	<p>Comentários</p>		<p>Trocando ideias</p>
	<p>A língua em foco</p>		<p>Produção de texto</p>
	<p>O numeral</p>		<p>Para escrever com coerência e coesão</p>
	<p>Classificação dos numerais</p>		<p>A coerência e a coesão textuais</p>
	<p>Fixação dos numerais</p>		<p>A coerência textual</p>
	<p>O numeral na construção do texto</p>		<p>A coesão textual</p>
<p>Semântica e discursos</p>	<p>A língua em foco</p>		
<p>De olho na escrita</p>	<p>O verbo II</p>		
<p>Ítalo Calvino e a língua viva</p>	<p>Conjugações</p>		
<p>Palavras coesivas, paratextuais e proposicionais</p>	<p>Flexão dos verbos</p>		
<p>Releitura</p>	<p>O verbo na construção do texto</p>		
<p>Passando o tempo</p>	<p>Semântica e discursos</p>		
<p>INTERVALO Projetos: Eu também faço história</p>	<p>Releitura</p>	<p>CAPÍTULO 1 Natureza no museu</p>	
<p>UNIDADE 4 Verde, adoro ver-te</p>		<p>CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?</p>	
 	<p>Tuam criado no dedo, Rubem Braga</p>	 	<p>Cartum, Márcio Costa</p>
	<p>Estudo do texto</p>		<p>Lei e reflexão</p>
	<p>Compreensão e interpretação</p>		<p>Produção de texto</p>
	<p>A linguagem do texto</p>		<p>A exposição oral e o cartum</p>
	<p>Trocando ideias</p>		<p>A exposição oral</p>
	<p>Produção de texto</p>		<p>O cartum</p>
	<p>O artigo de opinião</p>		<p>A língua em foco</p>
	<p>A língua em foco</p>		<p>O verbo II</p>
	<p>O presente</p>		<p>Os tempos verbais</p>
	<p>Os presentes e o verbo textual</p>		<p>Modos de conjugação verbal</p>
	<p>Classificação dos presentes</p>		<p>Semântica e discursos</p>
	<p>O presente na construção do texto</p>		<p>De olho na escrita</p>
<p>Semântica e discursos</p>	<p>Acronímicos III</p>		
<p>De olho na escrita</p>	<p>Releitura</p>	<p>Passando o tempo</p>	
<p>Atenuação (I)</p>	<p>INTERVALO Projetos: Eu e meu ambiente, entre os mato</p>	<p>BIBLIOGRAFIA</p>	
<p>Atenuação das extremas e dos monossilábicos tônicos</p>	<p></p>	<p></p>	
<p>Atenuação das preparatórias</p>	<p></p>	<p></p>	
<p>Releitura</p>	<p></p>	<p></p>	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

4.1 ANÁLISES DAS ATIVIDADES DO LD DO 6º ANO FUNDAMENTAL II

A análise foi elaborada especificamente com o conteúdo da Unidade I - **No Mundo da fantasia**, capítulo II **Pato aqui, pato acolá** das páginas 39, 40, 41, 42 e 43. Veremos que o LD apresenta através dessas pouquíssimas páginas sobre as variações linguísticas, além do gênero e a gramática, que são divididos através dos seguintes temas: as variedades linguísticas, norma padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social, falar bem é falar adequadamente e tipos de variação linguística. Ou seja, os autores utilizam praticamente apenas cinco páginas, para tratar de um assunto tão extenso e complexo, quando na verdade deveriam ser tratados em unidades separadas.

Figura 10 - Apresentação do Capítulo 2 do LD

CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá	
	<i>O patinho bonito</i> , Marcelo Coelho 32
	Estudo do texto 34
	Compreensão e interpretação 34
	A linguagem do texto 35
	Leitura expressiva do texto 36
	Trocando ideias 36
	Ler é um prazer 37
	Produção de texto 38
	A língua em foco 39
	As variedades linguísticas 39
	Norma-padrão e variedades de prestígio 40
	Variação linguística e preconceito social 41
	Falar bem é falar adequadamente 41
	Tipos de variação linguística 42
	As variedades linguísticas na construção do texto 47
	Semântica e discurso 49
	Divirta-se 50

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Através da ilustração abaixo, Figura 11, vamos observar um dos pontos abordados que tem como título: **A língua em foco**; e o subtítulo: **As Variedades Linguísticas** trazem uma apresentação a respeito da variação linguística, porém, associados ao gênero e à gramática assim também como a variedade culta ou padrão. Constatamos que para adentrar no assunto das variedades linguísticas, Cereja e Magalhaes (2015) utilizam apenas o gênero textual tirinha, de

Fernando Gonsales. Sendo que, antes deveriam fazer uma contextualização sobre o que é variação linguística, especialmente lexical.

Figura 11 - A língua em foco /As variedades linguísticas



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39).

A imagem acima (Figura 11) reproduz um diálogo entre três personagens (papagaio, mulher e homem). Através das várias indagações são utilizadas variações lexicais em suas falas, podemos perceber que essas variações provocam certa desvalorização dessas formas, consideradas fora da norma padrão. O diálogo é introduzido pela fala do papagaio que pronuncia as palavras “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta”. A mulher ao ouvir essa variação afirma que o papagaio fala tudo errado o devolve ao homem, que supomos ser seu antigo dono, e o mesmo interroga para mulher se tem “argum probrema”? Podemos constatar através desse diálogo que esse fato se constitui a realidade de muitos falantes da língua que ao serem ouvidos por pessoas que desconhecem o valor das variações da língua, ao ouvirem essas palavras acabam considerando essas formas como “erradas” e por isso precisam ser corrigidas o que provoca o preconceito linguístico. Nesse sentido, Bagno faz a seguinte afirmação:

Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo

contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (BAGNO, 1999, p.13).

Podemos perceber que o autor faz uma crítica aos meios de comunicação e ao LD, responsabilizando-os pelo aumento do preconceito linguístico. Portanto, foi exatamente o que aconteceu na ilustração acima, quando a mulher devolve o papagaio afirmando que ele fala errado. Observamos que o questionamento que o LD faz com relação às variedades linguísticas é realizado de modo totalmente descontextualizado, contribuindo dessa maneira para o aumento do preconceito linguístico, decorrente de usos que podem ser explicados pelo conhecimento histórico da língua.

Nessa perspectiva, na Figura 12, percebemos que especificamente até a terceira questão, os autores fazem uma interpretação e compreensão do texto da tira, com relação à diferença da língua portuguesa utilizada apenas nas conversas dos personagens. Dessa forma, a explicação apresentada pelos autores, não contribui de maneira contextualizada para o entendimento do discente, pois essas formas devem ser consideradas como usos efetivos da língua e a partir dessa competência ampliar o conhecimento a respeito da língua.

Na quarta questão, os autores abordam a questão na perspectiva de apenas refletir a respeito do preconceito linguístico, ou seja, de acordo com a forma de falar “certo ou errado”, a fala dos falantes é julgada positiva ou negativamente.

Figura 12 - Questionamentos

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - a) Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - b) Como provavelmente ela diria essas palavras?
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?
4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39-40).

Para os autores a variedade linguística é apenas um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta” é um uso comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola. Quando na verdade, essa forma de escrita pode ser explicada completamente, através do metaplasmo de transposição chamado hipértese, isto é, o deslocamento de segmento sonoro de sílaba para outra, como o caso de iorgute em vez de iogurte, largatixa em vez de lagartixa.

E ainda, sabemos na realidade que essa troca do R pelo L nos encontros consonantais é uma tendência natural da LP que se originou do latim e se chama rotacismo e que segundo Bagno (1999), o que acontece, de fato, é que as consoantes /l/ e /r/ são, do ponto de vista articulatório, muito próximas, o que faz com que, na história de muitas línguas, possam ser permutadas. Esse processo se deu na evolução do latim para o português, como por exemplo, sclavu que deu escravo, flacu, que deu fraco. Percebemos que essas formas sofreram o processo de rotacismo. Fica evidente que os autores apenas tentaram explicar o fato de que o papagaio estava falando “errado”, induzindo os leitores a corrigirem a fala.

Na página 40 do LD, os autores trazem o conceito de variedade linguística, segundo eles as variedades linguísticas são variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais na qual é utilizada. E ainda fazem comentários a respeito da língua, enfatizando que a mesma está em constantes mudanças, e comentam sobre a norma padrão, afirmam que não é sempre obrigatória, mas em algumas ocasiões da vida ela é obrigatória, e que é tida apenas como um modelo ou referência para usos, dependendo do contexto.

A partir dessas informações podemos comparar a língua culta em relação à coloquial e entender que não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta que outra. Porém, as pessoas que vivem na zona rural ou têm baixa escolaridade podem ser ridicularizadas por falarem uma variedade diferente daquelas consideradas prestigiadas socialmente. Os autores fazem uso de outro gênero textual tira de Adão Iturrusgarai, da página 41 com duas questões, conforme a imagem (Figura 13):

Figura 13 - Gênero tira e perguntas

(Folha de S. Paulo, 13/02/2005)

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
 - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 41).

Na ilustração acima (Figura 13), os autores usam a tirinha para fazer uma comparação da LP com relação à variação e ao emprego da língua, ou seja, eles abordam sobre a questão de que falar bem é falar adequadamente de acordo com a situação.

Como podemos perceber através da tirinha, a criança (Zezo) usa uma roupa e seu pai considera inadequada para a ocasião, para onde está indo. A partir desse diálogo, percebemos que os autores fazem uma analogia referente à língua, de forma que assim como para cada ocasião temos que usar um tipo de roupa adequado, com a língua não é diferente, ou seja, precisamos dominar bem nossa língua para que assim possamos saber empregá-la de maneira adequada, de acordo com cada situação. Dessa forma, os autores associam a expressão de que falar bem é falar corretamente, ao fato de saber quais variedades e registros da língua oral são adequados em função da pretensão comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige.

Veremos ainda na página 42, os motivos pelos quais podem ocorrer as variações linguísticas. Entre eles estão: diferenças de lugar ou região, escolaridade e classe social, diferenças históricas, oralidade e escrita, formalidade/informalidade e gíria.

Figura 14 - Tipos de variação linguística

Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

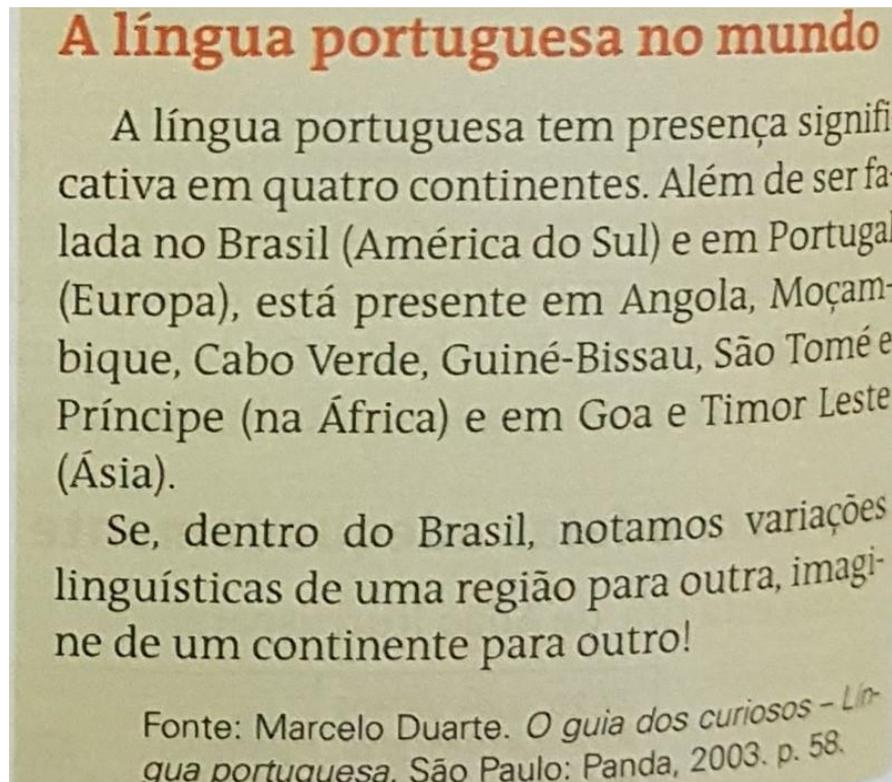
As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

Os autores se utilizam da tirinha acima (Figura 14), para exemplificar as diferenças de lugar ou região. A representação foi feita por meio da diferença geográfica existente no interior. Notamos que o exemplo dado pelos autores foi um pouco superficial, e que se o professor tiver apenas o LD como instrumento, o ensino se torna descontextualizado, ocasionando assim para os alunos um conhecimento, de certo modo, limitado sobre a língua. Dessa forma, constatamos que os autores poderiam ter acrescentado mais exemplos sobre o assunto, ou até mesmo, explorado no texto sobre a diferença da variedade linguística falada em algumas cidades do interior e da capital, poderiam pelo menos ter colocado algo exemplificando a fala da capital também, para que o aluno entendesse melhor o assunto. Logo, apontamos que o professor como um instrumento importante para o ensino/aprendizagem dos alunos, deve não só apontar esse exemplo do LD como acrescentar outros exemplos, meios e recursos para que aconteça um entendimento completo sobre o assunto estudado.

Figura 15 - A língua portuguesa no mundo



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

Continuando a análise na Figura 15, podemos identificar que por meio de apenas um recorte, os autores fizeram um comentário acerca da LP no mundo, destacando que a mesma tem presença significativa em quatro continentes, eles ainda enfatizam que existe uma gama de variações dentro de nosso país (Brasil) somente entre as regiões e mandam que imaginemos dentro de um continente para outro, ou seja, os autores querem passar a ideia de que a LP é vasta de variações e para isso não devemos nos prender somente ao pouco que sabemos sobre a nossa língua. Porém, para que os discentes compreendessem melhor seria importante que enfatizassem um pouco mais sobre o contexto histórico do português, pois o idioma sofreu muitas transformações para chegar à configuração atual, especialmente a partir da perspectiva histórica.

4.2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O DOCENTE

A formação do docente de LP precisa ser repensada, porque além do conteúdo acadêmico que ele adquire na sua formação, deve-se levar também em conta as orientações dadas pelos documentos oficiais, como por exemplo, na BNCC e além desse conhecimento que

o professor deve ter da história da LP, ele também tem um papel importante na sala de aula, socializando o respeito principalmente dessas variedades da LP. Se observarmos com base no modelo de ensino no Brasil, percebemos algumas lacunas existentes desde o uso do LD até a forma de atuação de alguns docentes. Nesse sentido, faremos uma apresentação acompanhada de uma breve explicação do gênero textual tirinha, e a partir disso, mostraremos algumas possibilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, com o objetivo de facilitar aos alunos uma aprendizagem mais significativa com relação à formação e história da LP.

O gênero textual tirinha tem origem das histórias em quadrinhos (HQ's). E diz respeito a uma sequência narrativa de quadrinhos temporária que, geralmente faz uma apreciação aos valores da sociedade. Possui as características das histórias em quadrinhos, porém, além de serem mais sucintas, são publicadas regularmente. Por essas razões, escolhemos a tirinha para sugerir a atividade no contexto de ensino. Veja a figura abaixo:

Figura 16 - Gênero textual tirinha



Fonte: Imagens Google (2022)⁷.

⁷ Disponível em: https://4.bp.blogspot.com/-yyUIHR-bCLk/UIkUmeBLnKI/AAAAAAAAACs/_U7M-mCFDxg/s1600/preconceito+linguistico+3.png. Acesso em: 12 fev. 2022.

Como podemos ver através da tirinha apresentada acima, o aluno apenas fez uma pergunta e por trocar as letras das palavras, a professora além de omitir a resposta, afirma que ele está falando o português errado. A respeito disso, veja a o que diz Bagno (1999, p.38):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Nessas constatações, evidenciamos que o aluno sofreu preconceito linguístico, e isso acontece porque a escola tenta impor a norma culta como se apenas ela fosse a correta, e não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil. Por muitas vezes o preconceito linguístico não está presente apenas pelo LD, mas também se dá em outros contextos sociais como, por exemplo, através do programa de televisão e principalmente na popularização das redes sociais, já que são meios de comunicação que os alunos têm acesso e quase sempre o preconceito também está lá presente, por exemplo, quando a palavra se encontra escrita errada.

De acordo com a tirinha, iremos apresentar uma sugestão de modo que o docente respeite essa variação linguística que o aluno carrega em seu vocabulário. Pois vemos que o aluno usou uma variação da língua e a professora imediatamente usa outra variação de maior prestígio, isto é, a norma culta, para tentar corrigi-lo. Ela primeiramente deveria responder à pergunta feita, ou seja, qual seria a nota que ele obteve, e em seguida avaliar o que ele deveria ter feito, qual a regra deveria ter usado na escrita sem necessariamente desconsiderar ou discriminar a fala.

Nesse contexto, sugerimos que o docente traga para apresentar na aula, textos que sejam escritos na norma padrão, sejam eles, textos de jornal, revista, etc., para que possam ser comparadas as duas modalidades de escrita. Ou também, apresentar textos trazidos da internet, mensagens que os alunos muitas vezes trocam entre si e/ou postagens das redes sociais.

Dessa forma, esse tipo de conteúdo pode ser trabalhado, considerando as variações da escrita e da fala. Na tirinha, a professora não considerou a fala, só estava considerando a escrita do aluno. O desconhecimento histórico da língua, possivelmente a fez avaliar a variação que ele usou como inferior, por isso foi logo corrigindo. Sendo que a atitude mais adequada seria de mostrar para ele a motivação daquela variação e somente depois atribuir uma nota. Portanto, podemos afirmar que as sugestões apresentadas contribuir para o ensino/aprendizagem dos

discentes mais efetivo e inclusivo que considere o processo dinâmico da língua nos diversos contextos de uso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propôs apresentar brevemente um percurso histórico da LP, nesse sentido discorremos sobre o percurso do latim, onde ele surgiu e como se expandiu, também buscamos contextualizar a chegada dos romanos à PI, fato que culminou com o surgimento da LP, descrevemos quais foram os fatores políticos e linguísticos que definiram a modificação do latim até se transformar na LP.

Ainda proporcionou apresentar de que forma se deu o modelo de educação no Brasil, por intermédio dos Jesuítas. Vemos que mesmo nos dias atuais, ainda há vestígio desse tipo de ensino que prevalece em nosso país, por exemplo: temos o ensino individualizado e o professor no centro do processo ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, buscamos oferecer uma análise do LD demonstrando as possíveis possibilidades de se trabalhar esse conteúdo que muitas as vezes o livro traz de maneira descontextualizada e por isso quase sempre leva o aluno a se sentir desprestigiado por não ter o domínio da língua ou da variação culta e por último apresentamos sugestões para que esse conteúdo possa ser trabalhado em sala de aula de modo que contribua para um ensino mais significativo, mais produtivo da LP, considerando as variedades além da norma culta.

Dessa forma, percebemos a importância de conhecer melhor a história da LL, principalmente no contexto da formação da LP. Pois, foi através do latim que ocorreu a origem da nossa LP e as suas variedades lexicais. Nesse sentido, os objetivos propostos foram alcançados, visto que a descrição do processo histórico e evolutivo do português proporcionou a compreensão da variação lexical. Com isso, percebemos a importância do docente se aprofundar no estudo da história do latim e suas contribuições para a LP, principalmente no que diz respeito às variações lexicais. Como vimos, na tirinha analisada, se a professora tivesse esse conhecimento ela não precisava menosprezar a fala do aluno, ocasionando o que conhecemos por preconceito linguístico.

Considerando que os nossos objetivos foram cumpridos, os quais foram apresentar a história da LP desde o latim, falar sobre a chegada dos romanos à PI, análise do LD dentro das possibilidades, discutir a partir dos documentos oficiais na perspectiva do estudo histórico da língua no ambiente escolar.

Por fim, ressaltamos que essa pesquisa não é de natureza definitiva, isso acarreta dizer que está aberta a outras possibilidades e ideias que possam cada vez mais aprimorar o ensino da LP de maneira contextualizada e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**, o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: 1999.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Capítulo 2: Pato aqui, pato acolá. **Português: linguagens**, 6º ano do ensino fundamental. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 39-43.
- COMBA, Júlio. **Programa de latim: Introdução à língua latina**, v.I. 18 ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- GOULARTE, Raquel da Silva. **O ‘ensino’ do português para os índios do Brasil: um percurso de intenções**. Associação de Leitura do Brasil. 2016. Disponível em: http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03_04.pdf Acesso em: 21 fev. 2022.
- LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- SEVERINO, Antônio. Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 20. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.